

Um novo ano chegou e com ele sempre temos expectativas de coisas novas acontecendo.

Nosso país continua como um grande campo missionário que nos apresenta desafios importantes que demandam respostas inovadoras e, ao mesmo tempo, fiéis aos princípios bíblicos que tanto defendemos.

Nesse contexto, a liderança das nossas igrejas e organizações precisa estar atenta ao desenvolvimento de uma cultura de inovação.

O contexto social no qual estamos inseridos nos apresenta muitos desafios para a evangelização das pessoas que ainda não se renderam a Jesus e o reconheceram como Senhor e Salvador. Cada vez mais é necessário criar relacionamentos mais profundos e sinceros para alcançar as pessoas. Nesta edição, trazemos a experiência e aprendizado com a estratégia de pequenos grupos de forma que você possa refletir sobre a maneira como a igreja nos dias de hoje está cumprindo a sua missão de alcançar as pessoas com a mensagem de esperança no único que pode gerar uma verdadeira e profunda transformação neste mundo perdido.

Trazemos também o segundo artigo orientando sobre a atenção especial que devemos dar ao estatuto de nossas organizações a fim de atendermos às exigências das autoridades e testemunharmos sobre nossa integridade também nesta área tão estratégica.

Nossa sociedade está experimentando uma prática de levar aos tribunais assuntos que outrora eram resolvidos no diálogo entre as partes. Muito radicalismo, impaciência e desejo de resolver tudo com uma determinação oficial. Por isso, é importante aprender sobre as implicações jurídicas do exercício da fé.

Que possamos avançar ao longo deste ano alcançando mais vidas com a mensagem que transforma vidas e liberta cativos. Que nossa liderança seja frutífera e honre ao nosso Deus que nos chamou para tão honrosa obra.

Boa leitura.

ISSN 1984-8684

Literatura Batista

Ano 50 • Nº 197

Administração Eclesiástica é uma revista preparada especialmente para a liderança da igreja – pastores, diáconos, seminaristas, educadores religiosos e diretoria – visando a um melhor desempenho de seu ministério nas diferentes áreas de atuação

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

Endereços

Caixa Postal, 13333
CEP: 20270-972 – Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS

Editor

Sócrates Oliveira de Souza

Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d’Almeida
(RP/16897)

Redação

Davidson Pereira de Freitas

Produção Editorial

Oliverartelucas

Produção e Distribuição

Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
falecom@convicaoeditora.com.br



3

Companheiros de jogo



4

Igreja com células ou em células?
Uma reflexão a partir da entrevista
com o pastor Gilson Breder da
PIB de Campo Grande – MS



8

Liderança e cultura de inovação



12

Por que o estatuto da sua
igreja precisa ser atualizado



14

Ministérios relevantes
Liderando transformações
para a glória de Deus



24

Os quatro valores centrais
da gestão ágil



25

Implicações jurídicas do
exercício da fé no Brasil



Companheiros de jugo

Como pastores, somos companheiros de jugo, lutas, sofrimento e compromisso no ministério que nos foi apresentado pelo Senhor mediante sua graça e misericórdia. Certamente não pelos nossos méritos, mas pelos merecimentos de Cristo Jesus, Salvador e Senhor nosso. Alguém afirmou que *“Deus não chamou homens extraordinários para um trabalho comum, mas homens comuns para um trabalho extraordinário”*. Ele nos alcançou com a sua graça e nos vocacionou com uma santa vocação (2Tm 1.9). As lutas ferrenhas, tempestades, perseguições e incompreensões fazem parte do processo de crescimento espiritual, do amadurecimento vocacional, do nosso *mínus* profético. Somos chamados à conformação de Cristo. Sem dúvida, atraídos para a crucificação e morte com ele, olhando sempre para a sua suficiência na cruz e na ressurreição (Rm 6.1-11).

Como ministros do novo pacto somos chamados ao cuidado mútuo. Precisamos aprender o rasgar de coração uns com os outros, a partir de uma confiança absoluta em Deus. Quantas vezes carregamos fardos muito pesados e não compartilhamos. Temos medo. Devemos voltar os nossos olhos para Gálatas 6.2, pois Paulo neste texto nos ensina a levar as cargas uns dos outros para cumprirmos a lei de Cristo. Recemos dizer que somos sujeitos às mesmas paixões que o profeta Elias (Tg 5.16). Não nos esqueçamos de que somos humanos, cheios de limitações e incoerências, pois carregamos em nossa natureza humana uma vulnerabilidade latente.

Como precisamos nos acolher mutuamente com o profundo amor de Cristo (Rm 15.7)! Suportar, aconselhar e encorajar uns aos outros sob a direção do Espírito Santo (Cl 3.16). Pertencemos ao corpo vivo de Cristo. Necessários uns aos outros em Cristo. Juntos, em profundo amor, podemos vencer as lutas comuns. Na verdade, somos dependentes de Deus e interdependentes.

Os companheiros de jugo se encontram, oram, meditam, se importam, compartilham, se ajudam e constroem uma comunidade terapêutica. Há um interesse muito forte na cura do companheiro de ministério. Somos irmãos em Cristo Jesus, vocacionados especificamente, para vivermos a liberdade com a qual o Senhor nos libertou (Gl 5.1). Companheiros de jugo para nos confrontar e passar o bálsamo comum. Fomos marcados fortemente pela obra de Cristo para vivermos uma vida de sinceridade, simplicidade e cumplicidade.

Sim, companheiros de jugo para servirmos uns aos outros em amor como bons despenseiros da multifôrme graça de Deus (1Pe 4.10). Companheiros de lutas para repartirmos o coração, o pão, a visão, os traumas, o espaço e a vulnerabilidade. Como companheiros de jugo, somos comissionados por Deus a receber o irmão ferido com uma recepção marcada pelo amor, pela cumplicidade, alegria e solidariedade. Que nos importemos sempre com os que sofrem, fracassam e estão altamente fragilizados. Como companheiros de jugo refletamos a glória de Deus em nossa comunidade da *aceitação, do perdão e da festa!*



Oswaldo Luiz Gomes Jacob

Pastor batista.

Site pessoal: <http://www.oswaldojacob.com>



Igreja com células ou em células?

Uma reflexão a partir da entrevista com o pastor
Gilson Breder da PIB de Campo Grande – MS

Uma igreja em pequenos grupos é uma igreja nas mãos do povo.
É o sacerdócio universal sendo reconhecido e praticado

O pastor Gilson Breder nasceu em Minas Gerais, morou 30 anos em São Paulo e vive no Mato Grosso do Sul, onde, desde 2 de fevereiro de 1991, pastoreia a PIB de Campo Grande. 70 anos de idade e batendo um bolão: “Terça-feira joguei, fiz dois gols e meti dois na trave” – foi sua declaração de abertura na conversa informal, profunda e espiritual que tivemos, quando nos falou sobre os princípios que adota com a igreja, baseada nos pequenos grupos – os PGMs, utilizando o modelo da Igreja Multiplicadora.

Possuindo ampla formação por sua atividade no mercado corporativo, antes de se dedicar integralmente ao ministério, considera que a preparação contínua do pastor é um requisito fundamental para o exercício do ministério. “Não me sinto preparado para o ministério até hoje”.

Com um culto aos sábados e quatro aos domingos, os Pequenos Grupos têm sido a base de sustentação da igreja, fortalecida pelo relacionamento um a um, que é o fundamento do modelo de discipulado que exercitam.

A conversa girou em torno de uma pergunta básica: por que se constata tanta dificuldade para atuar com pequenos grupos, frustrando pastores e igrejas, que não conseguem implementar essa forma de discipulado?

O pastor Gilson respondeu, falando de sua experiência, identificando erros e acertos, que mostram a relevância de uma igreja focada em pessoas e relacionamentos.

Processo Igreja Dinâmica – Relatando sua experiência com a formação que teve com Carl Horton



Alberto Stassen

Pastor, administrador, consultor e gestor de ministérios.

sobre a Igreja Dinâmica, da Cruzada Estudantil e Profissional, na mesma época em que o pastor Abe Huber participou entendendo que o discipulado um a um é a base para que os pequenos grupos possam ser formados e conduzidos. Encontros pessoais que compartilham o evangelho para, a partir daí, escolherem novas pessoas de maneira espontânea e orgânica, que poderão se tornar líderes para os pequenos grupos a serem formados.

Quando avalia o que aconteceu com o pastor Abe Huber e sua própria experiência, reconhece o equívoco que cometeu ao abandonar, durante um tempo, esse modelo de discipulado um a um para focar nos pequenos grupos.

Por isso, o pastor Abe Uber tem uma rede de igrejas com mais de 8.000 pequenos grupos, cerca de três mil somente em Santarém na sede. Ele “introduziu o discipulado como motor pedagógico e espiritual dos pequenos grupos”, das células, explodindo como igreja e como denominação.

Identifica como uma limitação o modelo de desenvolvimento das igrejas batistas, suas estruturas e a mentalidade do povo, como um dos fatores que dificultam esse processo, reforçando a necessidade de um movimento de transição.

A transição

“Nós reduzimos o evangelho ao culto [...] toda a expressão do evangelho está no culto. Adoração comunitária, comunhão [...] por osmose, uma cantina quando acaba o culto e acabou [...]”. Assim, descreve a forma como as igrejas se acostumaram a prestar culto e ter alguns momentos de comunhão.

A igreja ideal é composta de pequenos grupos, mas esses são sufocados pela estrutura e pela tradição de lideranças formadas em torno de pessoas que se colocam como maiores do que os objetivos da igreja, na atração, formação e estímulo de novas lideranças para continuidade do evangelho.

“É preciso entender que a igreja ideal é uma igreja em pequenos grupos, querendo ou não, é preciso ir desacelerando os ministérios autônomos, que são lideradas pelos irmãos fulanos de tais, que “são membros fundadores” [...]. A igreja está cheia de domínios [...] pequenos feudos eclesiais que funcionam dentro da igreja com pessoas formatadas pela religiosidade, mas tem, também, pessoas muito sinceras. Não basta desmontar esses domínios”.

Ressalta que não se trata de desprezar essas pessoas ou abandoná-las ao longo do processo, mas integrá-las a essa visão, valorizando-as e utilizando essas mesmas estruturas para o processo de transição.

Essas pessoas são resultado do modelo com que foram “formatadas” até então, baseadas em estruturas, não em relacionamentos, mas sua sinceridade é a base para convergirem para esse novo modelo, em que as estruturas perdem importância e os relacionamentos se tornam a base. Muda-se o foco dos programas para o cuidado das pessoas.

Consequentemente, não é um processo de curto prazo. Nem de resultado imediato. É preciso tempo para que uma transição de mentalidade ocorra, sem que pessoas se sintam excluídas ou diminuídas em seus sentimentos. Persistência é a palavra-chave nesse processo. Não há espaço para imediatismos. Talvez seja essa uma das maiores frustrações para aqueles que acham que existe uma chave mágica.

O pastor liderando o processo

Isso precisa ser visto pelo pastor. Isso não é apenas uma ferramenta de crescimento para a igreja, como muitos vão buscar a Igreja Multiplicadora (Modelo da CBB). E aí está um problema, porque a concepção é muito maior.

É preciso ver a igreja de maneira funcional, mais próxima da realidade, orgânica, espiritual e funcional. É a experiência de Atos dos Apóstolos. Se o pastor não entende isso, terceiriza e põe um segundo; no contexto batista, ele vai promover um problema ético porque quem começar a caminhar com esse pastor, vai gostar da ideia e vai ter experiências que o próprio pastor da igreja não tem.

A igreja em pequenos grupos é uma igreja nas mãos do povo. É o sacerdócio universal sendo reconhecido e praticado. E quando os membros da igreja começarem a ter experiências espirituais, a verem milagres, sinais (nesse momento da entrevista, pastor Gilson irrompeu em choro emocionado com o sentimento de ver essas coisas acontecendo).

Por outro lado, quando o pastor vive essa liderança estratégica, porque dirige o processo, todo dia ele tem algo novo, todo dia ele tem uma experiência nova de convívio. Sentimento diferente da igreja que vai crescendo tradicionalmente, “onde você vai sendo envolvido por tarefas, por estruturas de um ambiente corporativo. É a igreja do boletim, dos departamentos, de uma porção de coisas que tem que fazer [...]”. Em outras palavras, perdendo sua essência.

Pastor Gilson destaca o ponto que fez com que levasse mais tempo para levar a igreja se envolver nessa visão de igreja em pequenos grupos: a terceirização da visão.

“Embora eu tivesse sete obreiros contratados, entre pastores e ministro de música, eu errei por não ter

gerido o processo desde o início. Eu terceirizei desde o início. Terceirização da visão, gestores de pequenos grupos. Esse é o erro cometido por muitos pastores, que entregam essa visão para outros, terceirizando a visão, sepultando o sucesso da coisa”.

Nesse ponto, aborda uma questão bastante presente nas igrejas batistas, que é a relação pastores titulares x pastores auxiliares: “um absurdo no meio batista, porque todo mundo é pastor. Não existe auxiliar no ministério, isso é um vício. Por personalidade, sempre fui descentralizador, por isso, desde o início, sempre usei muito os diáconos, por exemplo, e isso me facilitou tremendamente o trabalho. “A maior marca da nossa igreja nem é o pequeno grupo, é o ministério compartilhado”.

A visão descentralizadora, sem abrir mão da própria responsabilidade, que é de condução do processo, é essencial para que todos sejam responsáveis e comprometidos com o crescimento harmônico e saudável da igreja.

A própria perspectiva de pastores titulares e auxiliares remete a uma visão de igreja em termos de estrutura e tamanho, que se subdivide em ministérios. A decorrência disso é uma questão ética, quando se começa a discutir se está se tratando da visão da igreja ou desse ou daquele líder em especial.

Para que isso aconteça e não haja divergência entre a visão do pastor titular e qualquer outra liderança, é preciso ficar claro que essa é a visão da igreja, é “a coisa”, não “mais uma coisa” e o embasamento teológico e eclesiológico disso é a igreja primitiva. Não tinha iluminação, bancada, microfones; a vida fluía nos pequenos grupos.

Ao pensar em pastor titular e auxiliares, você está pensando numa igreja macro em termos de tamanho, subdivida em ministérios.

A centralidade da Palavra

“A maior parte das pessoas que se afiliam à igreja dizem que o fator fundamental foi “a Palavra”. Temos cinco cultos nos finais de semana e 13 pregadores”; é a pregação, não é o pregador [...]. “Entre o homem de Deus e a Palavra de Deus, eles ficam com a Palavra de Deus”.

A importância do conhecimento e da intimidade com a Palavra de Deus é essencial, tanto para o pastor quanto para os líderes de células ou pequenos grupos. E essa, talvez, seja a diferença entre alguns modelos de estrutura para pequenos grupos que acabam se tornando apenas grupos de comunhão ou de sociabilidade, perdendo seu foco e sua efetividade como formas orgânicas de crescimento da igreja.

“Conseqüentemente, a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo” (Rm 10.17).

Liderança discipuladora

O desenvolvimento de uma liderança que tenha a visão discipuladora, com relacionamentos fortalecidos, é outro fator-chave. Isso tira o foco do eu e coloca no outro. A começar do pastor, todos são discípulos discipuladores. Recebendo e dando simultaneamente, com coração servil, facilitando o processo de multiplicação.

O dom de mestre

É fundamental na formação de uma igreja discipuladora e de pequenos grupos. “Mesmo terceirizando, eu não me afastei do processo de pequenos grupos, continuei acompanhando, isso nos fez ter sucesso”.

O acompanhamento contínuo e a visão educadora do líder é requisito básico. As habilidades para isso podem ser desenvolvidas por meio de dedicação e treinamentos, que hoje são de fácil acesso, tanto por meio de eventos presenciais quanto por meio da internet.

A pessoa certa

Não é suficiente encontrar pessoas que possuam as habilidades e características para exercerem a liderança. É importante que mergulhem na visão e estejam dispostas a serem treinadas, orientadas, discipuladas. Em sua experiência, o pastor Gilson foi buscar um pastor que estava em uma outra igreja, “mas apaixonado pelo ministério e pelos pequenos grupos que, dessa forma, retornou para o ministério”.

A primeira célula

Deveria ter começado assim: “nós, pastores e alguns líderes” para que assim se iniciasse a transição da gestão de pequenos grupos, tendo o pastor como líder principal. As dificuldades enfrentadas para fazer dessa forma como início do processo custou um ano para treinamento, atualização dos módulos do Ralph Neighbour. Reconhece que esse é um dos pontos que deveria ter praticado, ainda que tivesse dificuldades.

Resultados

Recordando sua experiência de participar do treinamento com os pastores Paschoal Piragine da Primeira Igreja Batista de Curitiba e Roberto Silvado da Igreja Batista do Bacacheri, com quem

participou dos treinamentos recebidos de Ralf Neighbour – pastor, escritor e formador de líderes para igrejas em células, e incluindo o pastor Carlito Paes da Igreja da Cidade em São José dos Campos, fala das características pessoais da liderança e sua influência nos resultados.

“O Paschoal, assim como o Carlito Paes, disseram: “Eu quero uma igreja com células”, abraçaram os ministérios + as células. Mas, na minha visão, “são pastores de altíssima performance, que conseguem abraçar essa visão e serem bem-sucedidos.

Em outras palavras, nem todos alcançarão os mesmos resultados, sem associar as características pessoais de gestão e visão sistêmica para acompanhar todos os processos, capacidades e habilidades são necessários. “Pela misericórdia, Deus permitiu que eu prosperasse um pouco [...]”. O melhor é escolher um dos modelos – células ou ministérios de cada vez.

Não adianta comparar seu ministério com o de outros pastores ou igrejas, como critério de ser bem-sucedido ou não, na implantação de pequenos grupos. Cada pessoa, como líder, tem suas características pessoais e os resultados dependem delas, dentre outros fatores.

Planejamento

Temos tarefas, mas o foco não são as tarefas. O foco são as pessoas. Assim, você se torna intencional nas suas ações. Por isso, o processo de terceirização é uma praga no ministério. Ele sepulta a maior parte dos projetos.

Discipulado

No mundo corporativo isso tomou o nome de mentoria. E, para que isso aconteça, é preciso um acompanhamento próximo e profundo do outro, intervindo em diversas áreas da vida, além dos aspectos profissionais para que o outro possa avançar. “Até o mundo já descobriu isso [...]”. No entanto, nas igrejas não conseguimos fazer isso.

Discipulado é uma palavra ampla demais. Existe uma história judaica que demonstra a forma de atuação de Jesus. Ele não foi um rabino no formato tradicional da cultura judaica. Ele não era apenas alguém que caminhava e era seguido. A vida de Jesus fazia a diferença.

O professor pode ser considerado um discipulado por ter alunos. Mas, dificilmente será conhecido assim apenas pelo conteúdo, mas pelo estilo de vida que apresentava.

O discipulado funcional é o que chama de orgânico dentro da igreja como estratégia de vida e manutenção desses indivíduos na igreja. Isso precisa ser visto como uma estrutura básica da igreja, uma parametrização que a gente precisa estudar.

Citando John Maxwell e para a prática de Jesus nós temos 12 – 3 – 1. Nós valorizamos muito isso aí no pequeno grupo (a redução do número de pessoas para trabalhar mais diretamente com cada um). Era a visão do círculo íntimo de Jesus que, entre os doze, tinha aqueles a quem chamava para estarem junto a ele, desfrutando de maior intimidade e compartilhamento.

Segundo o pr. Lourenço Stelio Rega, “o discipulado é uma transfusão de vida”. Se eu derramar a vida que há em mim, com o Espírito de Deus que está na Palavra, sobre uma outra pessoa, de um modo mais intencional, vivencial [...]. Aí temos o discipulado.

Na maioria das vezes, os pastores querem saber qual é o “material” que é utilizado, como se fosse apenas uma metodologia, um método.

Quando perguntam a ele a resposta é: “Eu uso o Evangelho de João”. Se eu pegar cada um dos 21 capítulos, 21 semanas, eu tenho praticamente meio ano de conteúdo programático para trabalhar...

O discipulado na prática é mais relacionamento do que ministração; é mais estar juntos, é o cuidado, é mais intencional. Essa é a forma comum. Mas, é mais do que dar a aula, estudar o material; é mais do que fazer mentoria, é relacionamento de amor, é alguém que anda junto sem saber ensinar nada, mas sendo alguém que tem maturidade cristã o suficiente para derramar sobre a vida do outro.

Citando o livro Conselheiro capaz de Jay Adams, destaca que um profissional qualificado vai ter sucesso com seu cliente. Da mesma forma, um amigo que convive diariamente com o outro, também terá sucesso. “A diferença é que o profissional conhece os mecanismos de fuga, de defesa, de transferência, de sublimação, então ele vai podando e dizendo pro cara, olha aqui você está escapando e começa com perguntas-chave a trazer o cara pro centro”.

O amigo não. Ele é enganado, é manipulado, ele é envolvido junto com o outro que se engana a si mesmo. Mas, “ele ama e permanece ao lado do outro o tempo todo, mesmo no meio de todos esses mecanismos”.

No final, conclui Jay Adams, ele é tão capaz quanto o profissional de levar o outro à saúde emocional, espiritual. E isso é incrível.